**INCONSISTÊNCIAS PRODUTIVAS: A ABORDAGEM DE *SENHORA* POR
ROBERTO SCHWARZ**

**PRODUCTIVE INCONSISTENCES: THE APPROACH OF *SENHORA* BY
ROBERTO SCHWARZ**

Lucas da Silva Lopes¹

Fabio Akcelrud Durão²

RESUMO: A crítica literária de Roberto Schwarz concilia análise imanente rigorosa com considerações a respeito do processo social. Trata-se de um esforço voltado para a compreensão das relações entre objetivação da forma literária e dinâmica social. A análise do romance *Senhora*, de José de Alencar, além de permitir visualizar as minúcias de sua prática crítica e apresentar considerações importantes sobre a formação da sociedade brasileira, deixa entrever duas conquistas do procedimento de leitura de Schwarz: a consideração das inconsistências formais como elementos valiosos e produtivos; e a faceta bastante peculiar do crítico como uma espécie de teórico do pós-colonialismo.

Palavras-chave: Crítica literária; Roberto Schwarz; *Senhora*; José de Alencar; Crítica imanente.

ABSTRACT: Roberto Schwarz's literary criticism reconciles rigorous immanent analysis with considerations about the social process. It is an effort aimed at understanding the relations between objectification of the literary form and social dynamics. The analysis of the novel *Senhora*, by José de Alencar, allows us to visualize the minutiae of his critical practice and present important considerations about the formation of Brazilian society, reveals two achievements of Schwarz's reading procedure: the consideration of formal inconsistencies as elements valuable and productive; and the rather peculiar facet of the critic as a sort of postcolonialist theorist.

1 Mestrando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas com bolsa do CNPq. Licenciado em Letras - Português pela Universidade Estadual de Campinas (2011-2015). Atuou como secretário da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, ANPOLL, de janeiro/2016 a janeiro/2018. E-mail: slopes.lucas@gmail.com

2 Professor Livre-Docente do Departamento de Teoria Literária da Unicamp. Formou-se magna cum laude em Português/Inglês pela UFRJ, e obteve o mestrado em Teoria Literária pela UNICAMP. Doutorado foi feito na Duke University, onde estudou com Frank Lentricchia e Fredric Jameson. De 2014 a 2016 foi presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Atualmente é membro do Comitê de Assessoramento (CA) da área de Letras do CNPq. E-mail: fabioadurao@gmail.com

Keywords: Literary criticism; Roberto Schwarz; *Senhora*; *José de Alencar*; Immanent criticism.

NOTAS PRELIMINARES

Logo no início de *A teoria estética*, Theodor Adorno destaca “o caráter ambíguo da arte enquanto autônoma e como *fait social*” (ADORNO, 2008, p. 16). Trata-se de uma declaração lapidar não só em relação à obra de Adorno, mas ao esforço interpretativo da Teoria Crítica como um todo. A crítica contundente e determinada deve ser capaz de lidar com o desenvolvimento da arte enquanto instância objetiva. Paralelamente, ela precisa compreender a arte enquanto realidade social, historicamente localizada, resultado de circunstâncias e conjunturas singulares. E, finalmente, a crítica necessita se debruçar sobre as ambiguidades que surgem da relação desse caráter duplo – que é o trabalho crítico propriamente dito. Tanto o caráter de autonomia quanto a realidade do fato social devem ser buscados nas disposições formais do objeto, tendo em vista que os conteúdos semânticos mais superficiais tendem a ser mais submetidos à intenção autoral. *Flashes* da totalidade de uma obra de arte, portanto, só se revelam na junção de seus elementos particulares; nas soluções formais alcançadas para os conteúdos específicos que a constituem. As disposições possíveis desses elementos, bem como as fissuras do encaixe, são produto e testemunhas de condições particulares. O objeto estético, nesse sentido, é espelho e oráculo, pois, produz uma imagem para o todo social que está para-além-das-proposições-intencionais, assente diretamente na arquitetura formal; e tende a oferecer uma espécie de diagnóstico ou juízo para a sociedade e a cultura através dessa mesma imagem. Força centrífuga e centrípeta: absorve a sociedade enquanto a racionaliza.

O esforço interpretativo de Roberto Schwarz é a melhor expressão desse programa de leitura no contexto brasileiro. Na abordagem desenvolvida em *Ao vencedor as batatas* (2012[1977]) e em *Um mestre na periferia do capitalismo* (2012[1990]) o crítico coaduna uma análise rigorosa dos aspectos formais da obra literária com considerações acuradas a respeito do contexto social brasileiro. Ou, melhor ainda: Schwarz consegue interpretar a realidade de uma experiência social local (a brasileira) através do desnudamento de camadas de sentido e soluções formais dos objetos estéticos oriundos desse contexto. Trata-se de uma crítica imanente radical que extrai dos anteparos mais elementares da

estrutura formal do objeto a conexão com sentidos sociais, gerando uma proposição interpretativa no mínimo reveladora. Também é digno de nota que em Schwarz o manejo da teoria não desponta como mera caução do gesto interpretativo. O arrojo da interpretação é propiciado por um vasto conhecimento teórico, no entanto, a teoria não é instrumentalizada, mas sim mobilizada, com consciência de sentido e criatividade teórica, no exercício de aproximação do objeto.

Roberto Schwarz, portanto, é herdeiro da Teoria Crítica³, o que é diferente de ser um discípulo ou representante na medida em que estes apenas aplicam e reproduzem o que já está dado, diferente daquele outro que incorpora os fundamentos, mas mantém a autonomia criativa; o que o caracteriza é a assimilação do impulso que motiva a teoria⁴. O que distingue Schwarz é um investimento na análise da forma que propiciará a inauguração de perspectivas extremamente interessantes, a saber: uma compreensão produtiva das inconsistências formais do objeto e o descortinar de uma crítica do centro feita pela periferia. As formas contêm conteúdo social sedimentado, portanto, qualquer obra literária – ainda que tente convencer ou esteja ela mesma convencida do contrário – já tem em si certo grau de pré-formação social. Em texto introdutório sobre a obra de Schwarz, John Gledson ressalta que o foco interpretativo mais singular de Schwarz não está exatamente em Machado de Assis (ainda que a obra deste, reconhecidamente, desempenhe um papel crucial para o crítico), mas na totalidade do objeto estético propriamente dito. O pressuposto aqui é “uma confiança na validade objetiva e histórica da forma literária, através da qual o autor dá expressão a forças que o transcendem” (GLEDSON, 2001, p. xxx)⁵.

Há dois movimentos dialéticos que estruturam a leitura feita por Schwarz; e fundamentam as perspectivas que apontamos anteriormente. Tratam-se do decalque da

³ A afirmação é devedora da fala do professor Fabio Akcelrud Durão intitulada *Inheriting the Frankfurt School in Brazil: the case of Roberto Schwarz*, na qual o autor defende o movimento de assimilação e deslocamento da Teoria Crítica realizado por Schwarz no contexto brasileiro.

⁴ A respeito da inserção da obra de Schwarz na Teoria Crítica, conferir: CAMARGO, 2012; CAMARGO, 2014; OLIVEIRA, 2015. Estes trabalhos lidam, a partir de diferentes enfoques e preocupações, com a questão da recepção (CAMARGO, 2012, 2014) e do acúmulo crítico (OLIVEIRA, 2015) ligados à Teoria Crítica no contexto brasileiro, sendo que o nome de Roberto Schwarz é apontado como uma das expressões mais consistentes e de mais amplo alcance desse processo de “aclimação” da Teoria Crítica à especificidade brasileira.

⁵ Texto original: “[...] *a belief in the objective, historical validity of a literary form in which the author gives expression to forces that transcend him*” (GLEDSON, 2001, p. xxx). As traduções, quando não houver indicação em contrário, são de nossa inteira responsabilidade.

forma – a qual, diga-se de passagem, não é uma estrutura dada *a priori*, senão uma descoberta resultante do percurso de leitura – em dois sentidos: o desvelar da lógica interna do objeto e o estabelecimento de linhas de paralelo com a estrutura social. Essas duas instâncias não funcionam de modo independente, porém, se retroalimentam na análise, ora se distanciam, ora se aproximam, se sobrepõem, se imiscuem uma na outra. A intenção, no que segue, é tecer breves considerações sobre um caso específico no qual estes eixos de análise se desenvolvem: a leitura realizada por Schwarz do romance *Senhora* (1999[1875])⁶ de José de Alencar.

Sobre qualidades e defeitos

Senhora faz parte do comumente chamado conjunto de romances urbanos de José de Alencar. O enredo gira em torno de um casamento arranjado em termos de uma operação comercial. Aurélia Camargo, jovem recém-contemplada com a herança de uma fortuna suntuosa, arquiteta seu casamento com Fernando Seixas, antigo namorado que a abandonou por conta da pobreza em favor de outro casamento que lhe renderia melhor dote. Os termos contratuais são estritamente comerciais e a questão central diz respeito à dicotomia entre amor e interesse. Graça Paulino (1999, p. 7-10), em seu prefácio ao romance, ressalta a trama “grande amor versus golpe do baú” e os dilemas morais envolvidos no conflito central vivenciado pelo casal protagonista, Aurélia e Fernando. A crítica que resume o romance a uma narrativa da dialética entre amor e interesse é bastante recorrente. De fato, essa crítica consegue ressaltar elementos importantes da obra. Entre os pontos fortes de *Senhora*, estão: o investimento na ideia de personagem, na psicologização das personagens; a dinâmica do amor e dinheiro, que é dada pela afirmação do indivíduo frente ao coletivo, portanto, trata-se do fortalecimento da subjetividade; o protagonismo da personagem feminina.

Contudo, embora essa crítica coloque em relevo uma série de considerações importantes sobre a narrativa, ela tende a hipostasiar o conflito central, universalizando a sua pertinência e constância no mundo burguês, obliterando os aspectos de segundo plano ou os recursos formais menos presentes no dilema em evidência. Além disso, ela tende a

⁶ A primeira publicação de *Senhora* ocorreu em formato de folhetim em 1874. A primeira edição em formato de livro data de 1875.

evitar os percalços colocados por contradições formais presentes no romance. Ou seja, ela produz uma inteligibilidade de alcance parcial para a complexidade da obra. A abordagem de Schwarz vai por outra via. O crítico compreende o romance na dinâmica da lógica interna de seu aparato formal e na sedimentação de conteúdo social. Mais ainda, e aqui está o nosso foco de interesse: são as contradições internas que permitem a Schwarz perceber o papel crucial da narrativa na representação literária de uma dinâmica social estruturante da sociedade brasileira, expressa pela disposição dos elementos formais.

Nesse ponto é interessante uma rápida recapitulação do percurso mais amplo realizado por Schwarz. Em “As ideias fora do lugar” o autor explica como, no Brasil oitocentista, conviviam o pensamento liberal europeu e a estrutura social da escravidão, instâncias incompatíveis e que acarretariam em uma experiência *sui generis* na vida cultural e intelectual do país. Como dado de realidade, essa dualidade contraditória e embaraçosa perpassa todo o corpo social e, qualquer tentativa de representação verossímil – se ambiciona um gesto mimético incisivo –, deve lidar com esse problema estrutural⁷. A leitura de *Senhora* segue na esteira deste vaticínio, na medida em que o romance é resultado da aplicação de um molde europeu importado aos conteúdos de coloração local. Vale lembrar que o romance na Europa surge como resultado da tradição, enquanto no Brasil constitui-se pela dialética da tardiedade, é trazido ao país como produto descolado de seu processo histórico. A importação, por si só, é estruturalmente necessária; o problema está em seu processo de aplicação *ipsis litteris*.

O enredo principal da narrativa é calcado em dilemas próprios do romance burguês, cujo pano de fundo é a ideologia liberal: a ascensão social, a integridade

⁷ A interpretação oferecida por Schwarz no ensaio “As ideias fora do lugar” rendeu um amplo debate que, ainda hoje, continua aberto. De certa forma, é possível afirmar que a polêmica resultante do ensaio chegou mesmo a ofuscar outros tópicos importantes da obra de Schwarz e os pormenores de seu procedimento de análise, sobretudo no escopo do livro *Ao vencedor as batatas*, o que de modo algum diminui o mérito do ensaio. Além dos textos diretamente conectados ao debate em questão, como a resposta de Maria Sylvia de Carvalho Franco, há uma série de trabalhos mais recentes que visam reconstituir o debate, quer seja em seu momento inicial ou em sua longevidade; reposicioná-lo; ou efetuar um balanço. Ademais, vale ressaltar uma quantidade considerável de trabalhos mais recentes que não se restringem ao debate mencionado, mas o apresentam enquanto etapa na recepção da obra de Schwarz, sendo que o foco principal volta-se para uma discussão mais geral da influência e participação das interpretações de Schwarz no contexto da crítica literária nacional. Alguns exemplos: Moura (2011), Ricupero (2008, 2013), Cevasco e Ohata (2007), Cevasco (2015), Silva (2015). O trabalho de Flávio Moura (2011) discute a repercussão decisiva da obra de Schwarz no desenvolvimento da crítica literária brasileira, sendo que o autor lida com os diferentes campos de força que buscam dirimir sua influência. Bernardo Ricupero (2008, 2013) busca posicionar a discussão acerca das “ideias fora do lugar” no contexto do pensamento sociológico, dando ênfase ao processo de formação, com especial atenção ao conceito de forma literária.

individual, a influência do dinheiro, a busca de afirmação pessoal. Aurélia e Fernando são protagonistas nesse palco. Já no enredo secundário, prevalecem as relações de *favor* e de clientelismo, tão típicas do paternalismo da estrutura colonial. Neste caso, sobem ao palco Dona Firmina, o Sr. Lemos, o velho Camargo, etc. Seguindo essa distinção, Schwarz identifica uma inconsistência fundamental em *Senhora*: enquanto o conflito central do romance move-se ao ritmo da ideologia liberal europeia, com todos os dilemas e afetações morais burguesas, a periferia do romance move-se no contrafluxo, ao ritmo do *favor*, o qual é a condição de sobrevivência da parcela livre, mas alijada de bens, da população de um país escravocrata no qual o trabalho livre e assalariado é ocorrência incipiente. Centro e periferia não confluem, mas geram uma desadequação. É como se o romance fosse composto por duas engrenagens que giram em sentidos opostos, produzindo uma disfunção. Entretanto, esse descompasso nada mais é do que a expressão de uma característica central da vida nacional. “A ficção realista de Alencar é inconsistente em seu centro; mas *a sua inconsistência reitera em forma depurada e bem desenvolvida a dificuldade essencial de nossa vida ideológica*, de que é o efeito e a repetição. Longe de ocasional, é uma inconsistência substancial” (SCHWARZ, 2012, p. 68, grifos nossos).

A inconsistência fundamental presente no descompasso entre centro e periferia não é fortuita ou obra do acaso, mas efeito paradoxal de uma conquista mimética de Alencar, o qual avança um passo essencial no estabelecimento de uma literatura nacional, a qual agora dá vazão – ainda que não chegue a uma solução – às contradições essenciais da conformação cultural brasileira. Sobretudo no âmbito da crítica, essa inconsistência torna-se extremamente produtiva na medida em que expressa, no procedimento formal, o dado de realidade. De efeito formal tangencial, do ponto de vista da produção literária, a inconsistência técnica se reverte em um conteúdo de implicação semântica valioso para a crítica: “[...] o defeito formal é ingrediente, aqui, a mesmo título que os ingredientes que o produzem a ele, defeito. *De forma a inconsistência passa a matéria*” (SCHWARZ, 2012, p. 72, grifos nossos). Nesse sentido, as inconsistências produtivas de *Senhora* o tornam um romance superior àqueles que, depurados de qualquer contradição interna, apresentam ou uma galeria de tipos nacionais idealizados ou um desfile de cenas europeias, ambos sem qualquer tensão.

A leitura feita por Schwarz é profícua não apenas em desvendar uma inconsistência formal que abre o palco para a visualização das relações mais íntimas entre

arte e estrutura social – argumento central e o mais interessante, sem dúvidas –, mas também permite vislumbrar as etapas do processo mais amplo de emancipação da literatura nacional e coloca em relevo a própria destreza artística de Alencar. O procedimento do crítico, assim, nutre-se de uma aproximação do objeto por diferentes ângulos, do esforço de decapar diferentes camadas de sentido e de observar o objeto por uma perspectiva complexa, ciente dos matizes que o compõem enquanto fenômeno. Dessa forma, em uma primeira instância, ressalta-se a capacidade de repetição mimética de conteúdos ideológicos presente no romance, tanto na representação da ideologia burguesa no centro, quanto na representação da prática paternalista na periferia, as quais – e aí está o problema – não chegam a se chocar. “Ora, repetir ideologias, mesmo que de maneira concisa e viva, do ponto de vista da Teoria é repetir ideologias e nada mais. Já do ponto de vista da literatura, que é imitação – nesta fase ao menos – e não juízo, é meio caminho andado. Daí à representação consciente e criteriosa vai um passo” (SCHWARZ, 2012, p. 68). Ou seja, a representação realizada por Alencar não deixa de ser uma conquista literária, ainda que insista em um distanciamento amistoso dos elementos em questão.

Em segundo lugar, a inconsistência entre centro e periferia é efeito da tentativa de fortalecimento da literatura nacional, a qual não pode vir a lume sem a natural referência ao molde europeu; tampouco sem o preenchimento da forma importada com o conteúdo de coloração local, sem o qual deixa de ser nacional. “Apagada no primeiro plano da composição, que é determinado pela adoção acrítica do modelo europeu, a nossa diferença nacional retorna pelos fundos, na figura da inviabilidade literária, *a que Alencar no entanto reconhece o mérito da semelhança*” (SCHWARZ, 2012, p. 70). O molde europeu constitui-se em um “mal” necessário e não deixa de figurar como uma analogia à própria história do colonialismo: a história da colônia fica indubitavelmente marcada pelo fato da colonização, a referência à metrópole torna-se um ponto inescapável do percurso de objetivação histórica. O projeto de Alencar não é comodista – apesar de ser conservador –, pois, reconhece a necessidade de representação da matéria local, ainda que diante do imperativo da adoção do molde importado. O autor acaba, portanto, por alcançar uma representação inconsistente, mas que exatamente por isso, consegue expressar de modo muito mais enfático uma inconsistência presente no cerne da formação social nacional. “De fato, a fratura formal em que insistimos, e que Alencar insistia em produzir, guiado pelo senso do ‘tamanho fluminense’, tem extraordinário valor mimético, e nada é

mais brasileiro que esta literatura mal-resolvida” (SCHWARZ, 2000, p. 70). Portanto, aquilo que desponta como inconsistência formal possui uma motivação determinada e, assim, pode ser lido como acerto interpretativo de uma dinâmica nacional. Em suma:

É interessante notar contudo que estes pontos fracos são, justamente, fortes noutra perspectiva. Não são acidentais nem fruto da falta de talento, são pelo contrário prova de consequência. Assinalam os lugares em que o molde europeu, combinando-se à matéria local, de que Alencar foi simpatizante ardoroso, produzia contrassenso. (SCHWARZ, 2012, p. 39)

O ponto chave da análise de Schwarz é o desnudamento de uma inconsistência técnica fundamental e, em seguida, a descoberta de uma motivação que a engendra; essa motivação, pelo seu lastro com a realidade, praticamente redime a inconsistência ao recobri-la de sentido. O mero desvelamento da inconsistência estaria apenas no âmbito preliminar da descrição – acurada e já parte do trabalho crítico, mas pouco produtiva em termos de algo além de uma reprimenda ao romance. É somente o achado de uma motivação coerente e determinada que torna a inconsistência significativa e produtiva. Por fim, o resultado da equação realizada por Alencar em *Senhora* é surpreendentemente positivo. A citação, algo longa, sumariza o argumento:

[...] forma europeia e sociabilidade local são tomadas tais e quais, com talento e sem reelaboração. Frente a frente, no espaço estreito e lógico de um romance, contradizem-se em princípio, ao passo que a sua contradição não é levada adiante por... senso de realidade. Nem conciliadas, nem em guerra, não dão a referência, uma à outra, de que precisariam para desmanchar a sua imagem convencional e ganhar integridade artística: a primeira fica sem verossimilhança, a segunda fica sem importância, e o todo é peço e desequilibrado. Todo, no entanto – eis a surpresa – em que há felicidade imitativa, o “cunho nacional” que leva Alencar a insistir na receita, a estabilizá-la para as nossas letras. Para a tradição de nosso Realismo, é o seu legado mais profundo. Assim, falência formal e força mimética estão reunidas. [...] A inconsistência agora é vista não como fraqueza duma obra ou dum autor – como repetição de ideologias – mas como imitação de um aspecto essencial da realidade. (SCHWARZ, 2012, p. 72)

O romance de Alencar emerge, desse percurso de leitura, repleto de nuances que o tornam mais complexo do que aquele alinhamento com o conflito *amor versus*

interesse comumente imputado pela crítica. John Gledson comenta a abordagem de *Senhora*, realizada por Roberto Schwarz, destacando os diferentes níveis da análise em exercício:

[...] nos romances de Alencar poderíamos afirmar que o problema não é tão resolvido quanto exacerbado: seus enredos são muito mais marcados pelos valores europeus e burgueses do que os de seus predecessores, porque ele assume esses valores com mais seriedade. Assim, as incongruências de Alencar são vistas em um momento como um defeito de composição, em seguida como algo inferior em termos do modelo europeu e Romântico, e finalmente como uma conquista positiva em termos do Realismo brasileiro. (GLEDSON, 2001, p. xxii)⁸

Ou seja, o processo de leitura realizado supera a mera condenação do romance pela identificação das inconsistências, mas também sobrepuja a postura que desconsidera as inconsistências com o fito de salvaguardar a obra. O resultado é uma certa redenção da obra por aquilo que ela é capaz de condensar e apresentar como síntese da dinâmica social, no âmbito de sua estrutura formal inconsistente.

Objecções

Uma postura crítica incisiva como a de Schwarz tende a repercutir em um debate mais amplo. Algumas das objeções relacionadas à leitura de *Senhora* são já bem conhecidas. Há, ao menos, dois eixos principais que fundamentam as objeções correntes.

1. Prestígio do autor

De acordo com essa perspectiva, o resultado prático da análise do crítico seria a diminuição de Alencar, o enfraquecimento de sua figura enquanto autor de valor. Uma busca rápida pelos repositórios *online* retorna trabalhos cujo argumento de fundo é a

⁸ Texto original: “[...] in Alencar’s novels themselves, it could be said that the problem is not so much solved as exacerbated: his plots are even more marked by European, bourgeois values than those of his predecessors, because he takes those values more seriously. Thus, Alencar’s incongruities are seen at one moment as a defect in the composition, at the next as something inferior in terms of a Romantic, European model, and finally as a positive achievement in terms of a Brazilian realism.” (GLEDSON, 2001, p. xxii)

defesa da reputação de Alencar (cf., por exemplo, MARINATO, 2012; GONÇALVES, 2014) contra um suposto ataque realizado por Schwarz.

A crítica baseada nessa objeção só é possível a partir de um deslocamento primordial. Trata-se da elevação da questão do biografismo como problema principal, quando o ponto fulcral para Schwarz é a crítica da forma literária e de sua relação com o processo social. É como se ao abordar a obra de modo determinado e sério, com o consequente apontamento dos acertos e desacertos, o crítico desferisse golpes na pessoa física que assina a obra; e é como se esses golpes diminuíssem a cotação do autor na bolsa de valores da literatura, causando um prejuízo irreparável que, em sua implicação última, ocasiona um *déficit* nos ativos do patrimônio da literatura nacional. Paradoxalmente, o protecionismo da figura do autor reverbera em que sua obra seja impedida de expressar os problemas mais pungentes que a alimentam enquanto forma objetiva. Aquilo que a crítica tende a imputar como uma espécie de ataque subjetivo, propositalmente depreciativo, de Schwarz a Alencar, se reverte em interdição, por parte dessa mesma crítica, de que a obra possa ser abordada com objetividade e possa trazer para um debate mais amplo a sua contribuição singular. Trata-se de uma defesa que, ironicamente, torna nulo o potencial crítico da obra defendida, conservando-a apenas como monumento da tradição.

Em entrevista dedicada a *Ao vencedor as batatas*, por ocasião do aniversário de 30 anos da publicação do livro, Roberto Schwarz afirma que um dos objetivos de sua crítica ali era “[...] mostrar que a escrita não é apenas uma solução pessoal, mas que ela pertence a uma história mais ampla, nacional, e que, no limite, o seu alcance pode ser mundial” (SCHWARCZ; BOTELHO, 2007, p. 148). De fato, o foco não é o ataque ou a defesa da pessoa física do autor ou de sua figura pública, embora conteúdos advindos destas instâncias possam entrar como matéria tangencial da crítica, mas o funcionamento da escrita, da literatura enquanto instância objetiva e que dá vazão para forças sociais muito além e mesmo aquém do projeto intencional do autor.

2. Escola literária

Outra linha de objeção habitual tem a ver com considerações a respeito do gênero ou da escola literária à qual a obra de Alencar está alinhada. Argumenta-se que o crítico desconsidera que a obra de Alencar está, no momento de sua publicação, dialogando com

tendências características de gêneros literários e, portanto, insere-se em um debate específico a respeito dos caminhos do Romantismo, dos sentidos do Realismo e da conformação de uma literatura nacional. Assim, elementos apontados por Schwarz como desacertos ou inconsistências não passariam, no fim das contas, de características triviais e correntes do gênero no momento da produção; e, se vistas pela perspectiva do gênero, representariam acertos e um senso de adequação (cf. WERKEMA, 2014).

Entretanto, esses argumentos funcionam para a blindagem da obra ao submetê-la ao crivo das convenções de gênero. Por esta via, uma análise que não assumisse os pressupostos do gênero como autoridade final para a validação de argumentos estaria, de partida, excluída do rol de leituras legítimas. A discussão realizada no domínio específico de estudos do gênero ou da escola literária é extremamente produtiva na medida em que enseja a visão do especialista, permite a constituição do debate a partir da visão de “dentro” e considera problemas que só estão em pauta na discussão interna do gênero. Todos esses elementos possibilitam debates interessantes, mas não deixam de perfazer uma abordagem parcial, cujo ponto cego está normalmente assente na ausência de extrapolação das convenções de gênero para considerações que compreendam os gêneros enquanto figurações da forma literária. Além disso, há também nessa linha de argumentos a afirmação de que Schwarz subestima as convenções e, com isso, termina por menosprezar a obra de Alencar.

Contudo, o movimento da leitura de Schwarz rastreia os elementos de conquista – sobretudo mimética – alcançados na obra de Alencar tanto quanto os elementos de desacerto – alguns mesmo pelo ponto de vista das convenções –, sem jamais perder de vista a inconsistência fundamental que é a força motriz da interpretação. Assim, em uma nota de rodapé que poderia ser facilmente extraída e transformada em um ensaio sobre a obra de Alencar, o autor comenta que o romance “[...] tem compromisso com a verdade sobre a vida numa formação social determinada, e faz parte de um movimento de crítica mesmo quando não o queira” (SCHWARZ, 2012, p. 60). Na continuidade, revelando a força de Alencar, o crítico afirma que o autor “[...] tem bons resultados quando é *retrospectivo*: deixando suspenso o conflito de primeiro plano (em que não é feliz), volta atrás para traçar, das origens, a história de um de seus elementos, o que faz com olho seguro, interessante e econômico, e também poético” (SCHWARZ, 2012, p. 63).

De fato, a análise de Schwarz não está centrada nas convenções de gênero, ainda que recorra a estas em alguns momentos, também não possui compromisso com a manutenção da obra enquanto monumento do patrimônio cultural, mas com as forças que incidem no processo de escrita, nos vestígios sociais que são sedimentados na forma literária e no próprio processo de objetivação da forma, o qual passa inclusive pelo estabelecimento de gêneros. Portanto, ao invés de desvalorizar o gênero no contexto da análise, Schwarz busca captar os conteúdos semânticos e sociais presentes no elemento mais diminuto e essencial da formação de gêneros: a objetivação da forma.

Roberto Schwarz “pós-colonialista”

John Gledson comenta que as raízes do esforço interpretativo de Schwarz encontram-se em seus estudos do marxismo, especialmente no escopo do seminário dedicado aos estudos de *O Capital*. Ademais, tendo tido ocasião no contexto do golpe militar, um período repleto de polarizações, suas pesquisas tomaram ênfase na compreensão da especificidade brasileira⁹. Entretanto, as conclusões de Schwarz, tiveram um alcance bem mais amplo: “[...] ainda que tenha aparecido no context da esquerda progressista, esse estudo do Marxismo acabou por questionar o universal, a certeza inevitável do progresso” (GLEDSON, 2001, p. xi)¹⁰.

Roberto Schwarz tornou-se teórico do pós-colonialismo, no sentido forte do termo. A abordagem do autor denuncia o quanto a combinação entre ideologia liberal burguesa e estrutura social escravocrata produz contrassenso, porém, o autor salienta o quanto na vida prática essa dualidade era inescapável e, até mesmo, encarada como não-problemática. A relação desses elementos e o modo como o país se adapta tranquilamente a um dualismo de base permitem a adoção de um sistema dicotômico: uma política da porta para fora, outra da porta para dentro; escravismo na relação produtiva, liberalismo na vida ideológica (cf. SCHWARZ, 2012, p. 15). A mera possibilidade de convivência desses termos antagônicos é suficiente para testemunhar, a partir da experiência brasileira, acerca do descrédito da efetivação dos ideais liberais encarados com seriedade

⁹ Conferir Arantes (1996).

¹⁰ Texto original: “[...] even though it appeared within the progressive left, this study of Marxism ended up by questioning the universal, straightforwardly inevitable certainty of progress.” (GLEDSON, 2001, p. xi)

na Europa. “O desacerto entre ajuste localista e molde formal importado faz com que se contraste as próprias certezas nas quais se assenta o modelo imitado” (SCHWARZ, 2012, p. 56).

Mais do que isso, a transposição das ideias iluministas para o Brasil, as quais ao invés de entrarem em choque formam um conluio com a estrutura paternalista, não reverbera em qualquer horizonte de transformação efetiva. De sua posição inequivocamente contrária aos ideais liberais europeus, ao invés da sociabilidade brasileira repelir as ideias modernas, ela as integra como a um ingrediente genérico, inosso e, no limite, decorativo. O fato de essa conjunção desacertada não gerar incômodo, mas surpreendentemente ser usada para corroborar a participação da economia brasileira como *player* internacional, é prova contundente de que o próprio sistema capitalista ratifica e se beneficia das mazelas dos países periféricos. O consentimento no suplício da colônia – dos países subdesenvolvidos – desponta como uma espécie de condição *sine qua non* para a manutenção e florescimento do sistema mundial, com benefícios unilaterais para a metrópole e a oligarquia local – países desenvolvidos e elite financeira local. O desnudamento dessa dinâmica entre colônia e metrópole permite, então, uma crítica contundente dos “acertos” realizados na metrópole a partir dos “desacertos” e “inconsistências” da colônia – uma perspectiva pós-colonial enfática.

O mais impressionante em Schwarz, e que possui um caráter de ineditismo, é a proposição de uma crítica a partir do Sul que é teoricamente criativa e origina-se diretamente de uma leitura rigorosa dos elementos mais básicos e essenciais da forma literária. O rigor da análise e seu caráter imanente radical produzem uma nova inteligibilidade para os objetos analisados e, mesmo, um sentido de revelação (cf. GLEDSON, 2001, p. viii). Através de uma análise rigorosa da forma, Schwarz é capaz de destrinchar até mesmo os alistamentos de classe. Especificamente a respeito da análise do romance de Alencar, Schwarz afirma:

Alencar não insiste na contradição entre a forma europeia e a sociabilidade local, mas insiste em pô-las em presença, no que é membro de sua classe, que apreciava o progresso e as atualidades culturais, a que tinha direito, e apreciava as relações tradicionais, que lhe validavam a eminência. Não se trata de indecisão, mas de adesão simultânea a termos inteiramente heterogêneos, incompatíveis quanto aos princípios – e harmonizados na prática de nosso “paternalismo esclarecido” (SCHWARZ, 2012, p. 70-71).

Em suma, essa espécie de pós-colonialismo, mais do que a afirmação da identidade do excluído, expõe através das fissuras da colonização, ou seja, da experiência mais íntima do colonizado, as inconsistências e mazelas do próprio colonizador na versão “acertada” de sua ideologia, não apenas no caráter de violência de sua posição relacional (algo já bastante conhecido), mas principalmente pelo nível dos fundamentos do substrato de seu pensamento. Trata-se da falha que permite enxergar o contrassenso do projeto quando em seu funcionamento perfeito. É uma espécie de janela epistemológica que se abre na periferia para se julgar o centro.

E Schwarz é um “pós-colonialista” que se debruça sobre os objetos, que busca incansavelmente o teor de verdade de cada objeto, que faz a perspectiva pós-colonialista surgir a partir de um mergulho na imanência. Nesse sentido, o juízo de valor alimenta cada linha de Schwarz, mas nunca como dicotomia simplista entre um bom ou ruim categórico. O autor demonstra que a prática crítica jamais se resume a um julgamento apressado, dirigido por impulsos externos àqueles da leitura atenta, da interpretação do contexto, do discernimento dos processos sociais. O valor surge como uma constelação, repleto de nuances e variações. Sim, o romance cumpriu um importante papel na constituição de uma literatura nacional; sim, o romance é progressista para a época ao eleger uma mulher como Aurélia para o posto de protagonista; sim, ele realiza com maestria uma série de pressupostos que estavam na ordem do dia; e, finalmente, sim: no que concerne à composição, a obra apresenta inconsistências técnicas entre forma e conteúdo – vista de cima, não dá o passo necessário na síntese do processo social. Essas fissuras são sintomas de possibilidades latentes da consciência histórica nacional, a qual tem em Alencar uma importante etapa de seu avanço. Contudo, o que mais interessa ao crítico não é o vaticínio ou o diagnóstico de uma situação, mas a explicação de suas motivações. E, mais uma vez, motivação aqui não é o projeto explícito de um autor, mas o peso da história sobre o objeto.

O percurso de Schwarz inicia no objeto e desponta no próprio sentido da literatura e da crítica; parte da circunstância nacional, da configuração local, para alcançar um diagnóstico do movimento global. “O ponto de partida é a tentativa de entender a realidade nacional atrasada; o ponto de chegada é uma crítica do projeto civilizatório

burguês como um todo” (OLIVEIRA, 2015, p. 56). O ponto ininterrupto desse trajeto é o fato de nunca perder de vista o objeto – crivo absoluto da análise imanente.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Teoria Estética*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ALENCAR, José de. *Senhora: perfil de mulher*. 6ª edição. São Paulo: FTD, 1999.
- CAMARGO, Sílvio. A recepção da Teoria Crítica no Brasil: 1968-1978. In: *Em Debate*, v. 7, 2012, p. 126-149.
- _____. Os primeiros anos da “Escola de Frankfurt” no Brasil. In: *Lua Nova*, São Paulo, 91, 2014, p. 105-133.
- ARANTES, Paulo. *O sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*. São Paulo: Paz & Terra, 1996.
- CEVASCO, Maria Elisa. Roberto Schwarz: um crítico dialético na periferia do capitalismo. In: *Em tese*. Belo Horizonte, 2015.
- _____.; OHATA, Milton (Orgs.). *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GLEDSON, John. Introduction. In: SCHWARZ, Roberto. *A master on the periphery of capitalism*: Machado de Assis. Traduzido por John Gledson. Durham: Duke University Press, 2001, p. vii-xxxvi.
- GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. José de Alencar e Machado de Assis, uma perspectiva sociológica oitocentista na visão de Roberto Schwarz. In: *e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, Nilópolis, v. 5, Número 1, janeiro-abril 2014, p. 235-246.
- MARINATO, Ana Carla Lima. O Alencar na sombra de Machado: aspectos da crítica de Roberto Schwarz. In: *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, s. 2, ano 8, n. 10, 2012, p. 1-15.
- MOURA, Flávio Rosa de. Um crítico no redemoinho. In: *Tempo social*, vol.23, no.2, 2011, p. 71-99.
- OLIVEIRA, Pedro Rocha de. A acumulação primitiva de Frankfurtianismo: breve notícia sobre a Teoria Crítica brasileira. In: DURÃO, Fabio et al. (Orgs.). *Marxismo: Cultura e Educação*. São Paulo: Nankin Editorial, 2015, p. 51-74.
- PAULINO, Graça. Senhora de raios e réis (Prefácio). In: ALENCAR, José de. *Senhora: perfil de mulher*. São Paulo: 6ª edição. São Paulo: FTD, 1999, p. 7-10.

RICUPERO, Bernardo. Da formação à forma. Ainda as “Ideias fora do lugar”. In: *Lua Nova*, São Paulo, v. 73, 2008, p. 59-69.

_____. O lugar das ideias: Roberto Schwarz e seus críticos. In: *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 03.06, novembro, 2013, p. 525-556.

SCHWARCZ, Lília; BOTELHO, André. Ao vencedor as batatas 30 anos: crítica da cultura e processo social – Entrevista com Roberto Schwarz. In: *RBCS*, Vol. 23, n. 67, junho, 2008, p. 147-160.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 6ª edição. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2012.

SILVA, Júlio César Bastoni da. O lugar das ideias: panorama de um debate. In: *Em tese*. Belo Horizonte, v. 21, n. 1, jan-abr. 2015, p. 42-59.

WERKEMA, Andréa Sirihal. Forma inexata: Roberto Schwarz lê o romance de José de Alencar. In: *Eutomia: Revista de Literatura e Linguística*, Recife, 13 (1), Jul. 2014, p. 152-163.

Recebido em: 14 abr. 2018

Aceito em: 30 mai. 2018